


“É PENA VOCÊ SER PRETA”: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NEGRA E AS REBELDES PALAVRAS DE CAROLINA

“IT’S A SHAME YOU’RE BLACK”: SOCIAL REPRESENTATIONS OF BLACK WOMEN AND CAROLINA’S REBELLIOUS WORDS

“ES UNA LÁSTIMA QUE SEAS NEGRA”: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LAS MUJERES NEGRAS Y LAS PALABRAS REBELDES DE CAROLINA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-350>

Data de submissão: 25/05/2025

Data de publicação: 25/06/2025

Eliesio Costa Lima

Doutorando em Letras

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com

Kátia Carvalho da Silva Rocha

Doutora em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

RESUMO

Mesmo após o evento que ficou conhecido como a Abolição da Escravidão, as práticas racistas persistem, as representações que circulam no imaginário social continuam a evidenciar que há uma ideia de superioridade branca, sobretudo masculina. A mulher negra é vista como inferior, suja, incapaz. Em meio a essa realidade, Carolina Maria de Jesus surge, com um discurso subversivo que passa a ser a representação de muitas vozes negras, pois a existência da mulher negra é coletiva. Ela carrega em seu corpo múltiplas lutas, símbolos de resistência. Dessa maneira este trabalho objetiva tecer reflexões sobre como a autorrepresentação de Carolina, especialmente em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), contribui para a resistência e afirmação da identidade negra feminina. Para tanto, este trabalho se apoia teoricamente em autores como Almeida (2020), Santos (2002), Ribeiro (2018), Kilomba (2019) entre outros.

Palavras-chave: Mulher Negra. Carolina. Autorrepresentação. Identidade.

ABSTRACT

Even after the event known as the Abolition of Slavery, racist practices persist, and representations circulating in the social imagination continue to highlight the notion of white superiority, especially male superiority. Black women are seen as inferior, dirty, and incapable. Amidst this reality, Carolina

Maria de Jesus emerges with a subversive discourse that represents many Black voices, as Black women's existence is collective. She carries within her body multiple struggles, symbols of resistance. Thus, this work aims to reflect on how Carolina's self-representation, especially in *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), contributes to the resistance and affirmation of Black female identity. To this end, this work draws theoretically from authors such as Almeida (2020), Santos (2002), Ribeiro (2018), and Kilomba (2019), among others.

Keywords: Black Women. Carolina. Self-representation. Identity.

RESUMEN

Incluso después del evento conocido como la Abolición de la Esclavitud, persisten las prácticas racistas y las representaciones que circulan en el imaginario social siguen resaltando la noción de superioridad blanca, especialmente la masculina. Las mujeres negras son vistas como inferiores, sucias e incapaces. En medio de esta realidad, Carolina Maria de Jesus emerge con un discurso subversivo que representa muchas voces negras, ya que la existencia de las mujeres negras es colectiva. Ella lleva en su cuerpo múltiples luchas, símbolos de resistencia. Por lo tanto, este trabajo busca reflexionar sobre cómo la autorrepresentación de Carolina, especialmente en *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), contribuye a la resistencia y afirmación de la identidad femenina negra. Para ello, este trabajo se basa teóricamente en autores como Almeida (2020), Santos (2002), Ribeiro (2018) y Kilomba (2019), entre otros.

Palabras clave: Mujeres Negras. Carolina. Autorrepresentación. Identidad.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As representações sociais da mulher negra historicamente tem sido feitas sob a perspectiva masculina branca, que exclui a sua imagem autêntica e contribui não só para o surgimento de estereótipos, mas, conseqüentemente, para a sua exclusão social. Carolina é um exemplo claro disso. Viveu toda a sua vida à margem social, no lugar da escuridão, o “quarto de despejo”, como ela mesma costumava afirmar para se referir ao lugar em que vivia. Quando uma mulher negra subversiva como Carolina fala, entretanto, ocorre um tensionamento entre o imaginário social e a autorrepresentação da mulher negra, sob sua própria perspectiva.

É com base nisso que este trabalho elege a obra *Quarto de despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus, como corpus de análise, com o objetivo de tecer algumas reflexões sobre como a autora se autorrepresenta em sua escrita insubmissa, o que contrasta com as ideias estereotipadas da mulher negra que circulam no imaginário social, contribuindo para a desconstrução do racismo e para a construção de uma sociedade mais acolhedora e justa. Primeiramente, faz-se uma reflexão sobre como o racismo acontece, suas conseqüências, bem como, sobre como o imaginário social contribui para a exclusão da mulher negra. A partir de Almeida (2020), Santos (2002) e Kilomba (2019).

Depois, na segunda parte do trabalho, analisa-se o conceito de *Outro do Outro*, com Ribeiro (2020), e a dimensão estética da exclusão, com Natália (2020). Na sequência, este trabalho tece reflexões sobre a dimensão coletiva da identidade da mulher negra, que é também envolta por uma tríplice condição, e sobre como Carolina encarna essa condição multifacetada, passando a representar outras mulheres negras pela sua própria autorrepresentação. Para isso, apoia-se nas contribuições de Kilomba (2019), Natália (2020), Ribeiro (2018) entre outros.

2 QUANDO O CORPO NEGRO INCOMODA: CAROLINA, EM UM MUNDO DE EXCLUSÃO

Certa vez, ao ser rejeitada e desrespeitada pelos diretores de circo de sua época, Carolina registra as seguintes palavras: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: —É pena você ser preta” (Jesus, 2014, p. 64). Essas palavras, de forma clara, indicam a presença do racismo, que, conforme Almeida (2020), está enraizado na estrutura social. As palavras dos diretores de circo expressamente depreciam a cor de sua pele, pondo uma diferença negativa em “é pena você ser preta”, tentando empurrar Carolina a um lugar de silêncio e do não dito, por não ser branca.

Essa ideia de superioridade branca é estrutural. Nesse sentido, Almeida (2020, p. 52) afirma que a raça se manifesta “em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por

conflitos e antagonismos.” A “raça”,¹ no contexto relatado por Carolina, é utilizada como um dispositivo de exclusão baseada no imaginário criado acerca da mulher negra e da branca, sendo essa última, na ocasião, tida como superior.

O racismo se manifesta de várias maneiras, inclusive no nível individual (Almeida, 2020) e, por isso, basta que haja no pensamento da pessoa racista uma predisposição ou motivação subjetiva para que a ação discriminatória aconteça. Outrossim, falas racistas podem surgir independentemente da etnia ou raça de uma pessoa, bem como de seu gênero, seja masculino ou feminino. Por exemplo, o fato de que as mulheres historicamente lutam contra o machismo não impede de também haver mulheres racistas. Ou seja, a sexualidade ou o gênero não anulam o racismo. Isso mostra que o preconceito racial opera independentemente de opressões compartilhadas. A seguinte situação narrativizada por Carolina pode exemplificar essa realidade.

Depois fui no Açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou me com um olhar descontente.

—Tem banha?

—Não tem.

—Tem carne?

—Não tem.

Entrou um japonês e perguntou:

—Tem banha?

Ela esperou eu sair para dizer-lhe:

—Tem.

Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim (Jesus, 2014, p. 151).

Neste caso, observa-se que o ato de racismo não pôde ser anulado ou mitigado por envolver duas mulheres que, à primeira vista, poderiam compartilhar a experiência da opressão de gênero. Embora ambas sejam mulheres, essa condição não foi suficiente para gerar empatia ou solidariedade por parte da atendente. É por isso que as opressões sociais (como o racismo, o machismo e a desigualdade de classe) devem ser enfrentadas simultaneamente para que se produza mudança real. Esse exemplo evidencia como o imaginário negativo produzido sobre a mulher negra é tão profundo que pode ser reproduzido mesmo por indivíduos que pertencem a grupos historicamente oprimidos, como no caso das mulheres, perpetuando hierarquias de opressão baseadas na raça. O olhar “descontente” da atendente deixa evidente que Carolina não foi bem recebida por ser negra; sua simples presença causa surpresa e rejeição. Isso evidencia como essas atitudes racistas podem se

¹ O termo raça aqui é utilizado sob um viés sociológico, que historicamente tem sido um dos dispositivos causadores das desigualdades. A ideia de raça na Biologia não é fundamentada, é antes um produto propositalmente elaborado para justificar crimes cometidos. Ver *Racismo estrutural* (2020), de Silvio Almeida, especialmente o capítulo “Raça e Racismo”.

manifestar sem qualquer justificativa válida (já que o racismo, em si, é ilegítimo e irracional), baseando-se apenas em estereótipos.

Em contraste, a chegada do “japonês”, um homem branco, não provoca a mesma reação, de modo que, imediatamente, ele é atendido. A fala da atendente traduz o imaginário social negativo acerca da mulher negra. Tal ato pode ser melhor entendido com base na fala do geógrafo Milton Santos, quando se pronunciou na Folha de São Paulo acerca da realidade de ser negro no Brasil. Segundo ele:

Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo, tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver “subido na vida” (Santos, 2002, p. 161).

Há, assim, um olhar enviesado acerca do negro brasileiro, que frequentemente é mal visto pela sociedade, na qual, segundo as estruturas racistas, não deveria ter acesso a direitos universais como a saúde, a educação, a alimentação digna e, de forma alguma, “subir na vida”. Ao negro há um lugar reservado, “lá embaixo”, isto é, em um lugar subalterno, longe da “boa sociedade”, a sociedade racista, considerada por si mesma superior. Há, portanto uma barreira que separa o negro e o branco. Como afirma Kilomba (2019, p. 168), “no imaginário branco, a pele negra representa tudo que é ‘inferior’, ‘inaceitável’, ‘mau’, ‘sujo’ e ‘infectado’”. Dentro dessa dinâmica de exclusão, a mulher negra enfrenta uma marginalização ainda mais complexa, ocorrendo em duas dimensões, que serão discutidas adiante.

Mas, em meio a essa realidade de exclusão, Carolina declara aos mesmos diretores de circo que tentaram deslegitimar sua autoimagem positiva:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2014, p. 64).

As palavras de Carolina são rebeldes, insubmissas ao sistema colonial que perdura. Carolina sabe o seu valor como mulher, sabe o seu valor como ser humano, e, no excerto acima, deixa isso claro ao falar positivamente sobre os seus traços físicos de forma positiva. É por esse motivo que este trabalho, em seção posterior, analisa as dimensões da identidade negra feminina, visando trazer mais clareza sobre qual é o nível em que Carolina representa outras mulheres negras pela sua própria trajetória e suas palavras.

3 O *OUTRO DO OUTRO*: A MULHER NEGRA E A ESTÉTICA DA REJEIÇÃO

Primeiramente, convém esclarecer melhor como ocorre a marginalização da mulher negra em duas dimensões, para isso, elenca-se o conceito de *Outro do Outro*, discutido por Ribeiro (2020), com base nos pensamentos de Simone de Beauvoir e Grada Kilomba. Segundo ela, a mulher negra tem sido representada a partir do olhar alheio da mulher branca e do homem branco, por isso, ela é duplamente marginalizada, pela raça e pelo gênero. Se a mulher, inserida numa sociedade patriarcal, enfrenta barreiras sociais, muito mais enfrenta a mulher negra, em um corpo esteticamente visto pelo olhar social patriarcal como duas vezes inferior.

O caso em que Carolina é recebida pela caixa do Açougue Bom Jardim, exemplifica a sua marginalização pela raça, mas o fato é que a mulher negra é atacada em todas as direções. Ela é vista como diferente, quase como uma criação frustrada, fracassada. Sobre isso, Livia Natália, também autora negra, argumenta que:

Do momento de nossa concepção à morte, somos corpos marcados por uma violência de base: nascemos errado, ou seja, há um erro de corpo, incorrigível, que nos condena a sempre sermos inadequados não apenas nas relações interpessoais, mas quando nos confrontamos ante o nosso espelho (Natália, 2020, p. 214).

A argumentação de Natália (2020) explora as expectativas sociais e os padrões de beleza ideologicamente construídos, que por vezes fazem com que a mulher negra perceba seu corpo como inadequado. Segundo a autora, as imposições estéticas ditadas pelo eurocentrismo ignoram o corpo negro feminino por destoar-se dos padrões historicamente considerados belos e aceitáveis. Esta inadequação física a que alude a autora destituiria o corpo da mulher negra de qualquer traço de beleza, razão pela qual ela é sempre mostrada como deslocada do mundo que a cerca.

A mulher negra tem sido frequentemente excluída das representações nas mídias e na literatura e, quando aparece, é muitas vezes retratada de forma depreciativa, como menos inteligente, feia, com cabelo e cor de pele vistos como feios. Como diz Ribeiro (2018), de forma subversiva e interpretando o pensamento social racista existente, “negras, claro, são feias por natureza” (Ribeiro, 2018, p. 131). Essa concepção estereotipada da estética do corpo negro feminino de forma negativa é o que impede constantemente essas mulheres de assumirem seus papéis em sociedade, sendo excluídas na política, nas universidades e no mercado de trabalho. É fundamental notar que Carolina Maria de Jesus não se vê nessa perspectiva negativa, diferente do que acontece com muitas mulheres negras, devido à “violência de base”, mencionada por Natália (2020), uma violência que existe do nascimento à morte, arraigada nas estruturas sociais que cercam a mulher negra.

Em *Quarto de despejo* a autorrepresentação de Carolina Maria de Jesus vai além de sua identidade individual, simbolizando uma coletividade de mulheres negras que vivenciaram ou vivenciam a mesma experiência marginal. Definindo-se, Carolina contribui para fortalecer o senso de pertencimento na comunidade negra e encoraja outras pessoas a fazerem o mesmo.

Carolina tinha plena convicção de que o negro não é inferior ao branco em nenhum aspecto. Tal visão da autora está refletida nessa passagem de *Quarto de despejo* (2014):

Um dia, um branco disse-me: —Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p. 65).

Carolina, ao relatar essa conversa com o homem branco, deixa clara a reflexão de que a própria natureza não considera a hierarquia entre raças: tudo não passa de conceitos criados com objetivos específicos relacionados ao poder e à escravização do outro. Afinal, como relatou Carolina, se o mesmo que acontece ao branco acontece ao negro. Da mesma forma, os direitos sociais e universais deveriam ser iguais para ambos, mas isso, infelizmente, ainda não acontece.

4 CORPO, “RAÇA”, HISTÓRIA: A AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA COMO AÇÃO COLETIVA

Essa dimensão coletiva da identidade racial envolve as vidas de mulher negras. Há, não só uma necessidade, mas uma pressão para que a mulher negra esteja, a todo momento, combatendo representações sociais distorcidas. Essa reflexão ganha força em Kilomba (2019), que analisa as falas de Kathleen (nome fictício), uma afro-estadunidense que vive na Alemanha e que compartilhou as experiências que teve com o racismo cotidiano. Em uma de suas falas, Kathleen afirma: “Se eu fosse a única estudante *negra* na sala, eu tinha, de certa forma, de representar o que aquilo significava. Representar que nós somos tão inteligentes, se não, até melhores que as outras e outros” (Kilomba, 2019, p. 173). Kathleen afirma que, na escola, no caso de ser a única estudante negra da sala, ela precisava representar a coletividade “negros(as)” de modo que se sobressaíssem como melhores, o que demonstra uma pressão imposta a ela.

A ideia crucial para compreender de que forma Carolina representa a mulher negra está no fato de que ela, assim como Kathleen, faz parte de uma coletividade que precisa desafiar e superar as expectativas negativas impostas pela sociedade. Kilomba (2019) explica que Kathleen pode representar a sua raça exatamente por estar incluída em um espaço de exclusão. Tal é o caso de Carolina

quando se torna escritora. Uma única mulher negra que representa uma coletividade de mulheres em um espaço de exclusão, isto é, figurando entre os escritores e escritoras da literatura brasileira.

Essa realidade de exclusão, aliada às múltiplas camadas de identidade que acompanham a mulher afrodescendente, é ainda mais explorada por Kilomba (2019. P. 174), que explica:

Kathleen não é apenas Kathleen; ela é um “corpo”, ela é uma “raça”, ela é uma “história”. Ela existe nessa triplicidade. Presa nessa pessoa tripla, é preciso ser ao menos três vezes melhor do que qualquer pessoa *branca*, para se tornar igual. Enquanto aquelas/es na classe têm o privilégio de existir na primeira pessoa, Kathleen existe na pessoa tríplice.

Kathleen está “presa” nessa condição tripla. Diferente do sujeito branco, ela não é vista a partir de sua individualidade. Não só ela, mas todas as mulheres negras. Ela é “corpo”: isso sugere uma representação não só do corpo físico, mas das lutas históricas do sujeito negro, pela resistência ao racismo, ao colonialismo, aos estereótipos, à objetificação, à sensualidade a esse corpo atribuídos. Kathleen é, também, raça: a mulher negra perde a sua individualidade, ela é rotulada.

Assim, passa a representar uma raça, um coletivo, de modo que é preciso se sobressair na sociedade, como menciona Kilomba (2019, p. 174), “ser ao menos três vezes melhor do que qualquer pessoa *branca*, para se tornar igual”. Ela é história: seu corpo, sua raça, seu ser no presente são indissociáveis da história, do passado, de como o negro tem sido marginalizado desde o período colonial. O passado reflete nas relações interpessoais de Kathleen.

Como mulher negra, Carolina Maria de Jesus está na mesma condição tríplice na qual se encontra Kathleen. Isso pode ser percebido em diversas passagens de *Quarto de despejo*, em que a experiência de Carolina como mulher negra é marcada por essas três dimensões: corpo, raça e história. A primeira ocorrência é a fala de um homem que vivia nas proximidades de seu barraco, que evidencia uma das dimensões da triplicidade mencionada por Kilomba, a raça, pela qual a mulher negra é rotulada e excluída, mas também pela qual é capaz de representar uma coletividade.

Temendo ser incluído nos diários que Carolina pretendia publicar, um vizinho lhe diz: “Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela” (Jesus, 2014, p. 174). Além do tom de ameaça, o homem acrescenta, “essa negra precisa sair daqui da favela”. Aqui há algo curioso, que está na escolha de incluir a palavra “negra” com o objetivo de depreciar Carolina com base na raça. Ninguém diria “essa branca precisa sair da favela”, assim como, em se tratando de falas do cotidiano, “ninguém diz que uma mulher branca é uma ‘branca bonita’. Dizem apenas que é ‘bonita’” (Ribeiro, 2018, p. 131). O uso da palavra “negra” pelo sujeito que fala nesse relato de Carolina não se limita à identificação racial, mas pretende coloca-la em um espaço de exclusão. Isso pode ser percebido também pelo uso do verbo “precisar”, em “esta negra precisa sair da favela”.

O verbo “precisar” transmite a ideia de imposição, sugerindo que a presença de Carolina não era desejada naquele ambiente, evidenciando que há lugares específicos que a sociedade dita ser ou não pertencentes à mulher negra, relegando-a aos espaços mais marginais. Além de exemplificar a exclusão pela dimensão racial, tangente à existência tríplice da mulher negra, proposta por Kilomba (2019), essa ocorrência evidencia que o racismo está arraigado no pensamento da sociedade brasileira, se manifestando de forma direta ou indireta, influenciando na exclusão e na desigualdade social.

Diferente do que acontece com a mulher branca, para a mulher negra há sempre discursos racistas que a lançam em lugares de exceção, ela é vista de maneira diferente, ou exotificada, às vezes em “elogios” envoltos do racismo velado, como “negra bonita”, ou “você é a negra mais bonita que eu conheço” (Ribeiro, 2018, p. 131). Outras vezes, ela é atacada diretamente por discursos de ódio, como em: “Negra ordinária! Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo! (Jesus, 2014, p. 161), evidenciando o racismo individual no qual, conforme a conclusão de Bujato e Souza (2020, p. 233) “há sempre uma abordagem direta entre quem pratica o ato e quem o recebe; um discurso, na maioria das vezes deslegitimador”. À mulher negra sempre são lançados discursos que aludem à raça como forma de deslegitimar a sua condição de existência humana.

Exemplificada a dimensão racial da qual faz parte Carolina, como mulher negra, passemos para a segunda dimensão mencionada por Kilomba (2019), a de corpo. Aqui é válido lembrar que a estética do corpo feminino negro tem sido historicamente depreciada. Esse corpo foi visto ora como símbolo do animalesco, ora como objeto sexual do branco cis-hétero; como item mercantil, peça sem valor ou um corpo desprovido de vontade própria. Para ilustrar, Ribeiro (2018) cita a história de Sarah Baartman, considerada a “Vênus de Hotentote”, título que, em si, já introduz à ideia de sensualidade, remetendo à Vênus, deusa do amor, associada quase sempre à sexualidade feminina. Ribeiro (2018) menciona que Baartman, mulher negra, foi levada no início do século XIX da África do Sul para a Europa, onde foi exibida em jaulas durante espetáculos públicos como uma figura extravagante, ou excêntrica, devido ter nádegas volumosas e grandes lábios na genitália.²

A história de Baartman demonstra o nível de desumanidade ao qual o corpo feminino tem sido submetido. Ela não teve autonomia sobre o próprio corpo. Foi posta em jaulas como um animal, teve sua imagem vendida para a cobiça do olhar masculino, presa, por estar em um corpo diferente da estética branca, fora do lugar. O lugar da mulher negra torna-se, assim, em meio a essas opressões cruzadas, quase que uma *utopia*, termo que, segundo Andrade (2008), remete um lugar ou algo

² O cineasta tunisiano Abdellatif Kechiche, em *Vênus Negra* (2010), leva a história de Sarah Baartman para o cinema, destacando a brutalidade dos olhares e das ações do homem branco europeu ao expor Baartman como um objeto de exotificação, sensualidade e humilhação. Para mais detalhes, acesse a matéria de Neusa Barbosa no G1, disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/06/estreia-venus-negra-aborda-colonialismo-e-racismo-na-europa.html>.

inexistente. Sua existência parece estar sempre limitada, devido ao racismo, como se não pudesse ocupar plenamente nenhum espaço de forma livre, sem causar desconforto.

Acerca da limitação imposta ao corpo negro feminino, Natália (2020, p. 215), afirma o seguinte: “nosso corpo é uma prisão da qual somos, a um tempo, prisioneiros e carcereiros, precisamos cuidar para que esse corpo, já tão inadequado, não possa nos causar mais problemas.” Para Natália, autora negra, a inadequação do corpo feminino negro, por ser destoante do padrão estético branco, limita a liberdade e impacta a maneira como a mulher negra expressa sua identidade, colocando-a em uma situação de constante policiamento para não “exceder” os limites impostos pela sociedade.

Em *Quarto de despejo* (2014), vê-se que Carolina também vivencia essa sensação de deslocamento no mundo. Ela não é bem aceita na favela, assim como não é na cidade. Seu corpo carrega em si uma marca, a cor escura de sua pele, que a lança em um lugar subalterno no espaço físico e no espaço intelectual. Para exemplificar essa “prisão do corpo” vivenciada por Carolina, é fundamental mencionar também um estigma que lhe é socialmente imposto onde quer que esteja: a associação entre o corpo negro e a “sujeira”. No dia 21 de julho de 1958 ela relata: “Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison. Quando eu cheguei ele começou insultar-me: — Negra suja. Ordinaria. Vagabunda. Lixeira” (Jesus, 2014, p. 98). Aqui, a palavra “negra”, que alude à raça, é empregada de forma pejorativa, associada à sujeira, relacionando o corpo negro a algo repulsivo, indigno.

Tanto é que, no dicionário Priberam online, a palavra sujeira remete, dentre outras coisas, a uma “coisa malfeita ou falhada”, ou ainda, às palavras “desaire” e “fiasco” (Sujeira, 2025), que também transmitem significados negativos. É assim a forma com que, muitas vezes, a mulher negra é tratada, como uma falha de corpo, algo mal feito, em comparação com o corpo branco. As palavras “desaire” (associada a algo desalinhado ou deselegante) e “fiasco” (relacionada a algo desastroso) reforçam a carga negativa e desumanizante do discurso lançado contra Carolina.

Kilomba (2019), tecendo reflexões sobre a segregação e o isolamento de pessoas negras, explica que a ideia de sujeira está relacionada a qualquer coisa que está fora do lugar: “implicitamente, as coisas não são sujas por si mesmas, mas tornam-se sujas quando posicionadas em um sistema de ordenação que não tem lugar para elas” (Kilomba, 2019, p. 171). Quando Carolina é chamada de “negra suja”, o discurso racista não quer dizer simplesmente acerca dos resíduos do corpo, como a poeira e o suor, mas traduz o imaginário que se tem acerca do corpo negro feminino. É como se o interlocutor de Carolina estivesse dizendo: você não é bem-vinda aqui; seu corpo é errado, sujo, imundo: é o corpo de uma mulher negra.

Tal situação de deslocamento, de rejeição e zombaria do corpo negro se repete frequentemente nos relatos de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo* (2014). Ao publicar seu primeiro livro, no jornal *O Cruzeiro*, em 1960, Carolina não teve reconhecimento pela capacidade de traduzir o Brasil da época, mas por ser uma “patética Cinderela”, título referido por Dantas (2014), jornalista que atuou na divulgação do trabalho de Carolina após encontrá-la em seu barraco, na favela, a escrever seus diários. O termo Cinderela, pode sugerir a ideia de uma pessoa que sai de um estado de apagamento, de extrema pobreza, para adquirir um reconhecimento de maneira extremamente rápida e inusitada. Contudo, a expressão utilizada por Dantas está acompanhada da palavra “patética”, que transmite, dentre outras coisas, a ideia de piedade, ou desdém (Patética, 2025), portanto, trata-se de uma ascensão vista como ridícula, digna de pena.

O uso do termo “patética” por Audálio Dantas, sem aspas ou qualquer palavra comparativa, sugere uma concordância com a visão pejorativa que a imprensa tinha sobre Carolina Maria de Jesus. Ao utilizar o termo em sua própria fala, Dantas reforça a ideia de que a ascensão de Carolina seria, de alguma forma, desprezível. Mesmo que Dantas estivesse apenas transmitindo a percepção da mídia, ele não questiona o termo utilizado, nem utiliza palavras comparativas: “vista como uma patética cinderela”, “percebida como uma patética cinderela” etc. Desse modo, Dantas acaba endossando, querendo ou não, essa perspectiva reducionista em seu discurso.

Carolina é vista como patética devido estar num lugar incomum para uma mulher negra, novamente o seu corpo negro é taxado, uma possível sugestão de que o lugar de um corpo negro seria a margem social, nunca um lugar de destaque. O corpo negro ao ultrapassar os limites de uma segregação social imposta, é visto como sujeira, indigno, ou é sinônimo do estranho. Por isso mesmo, o sucesso de Carolina aconteceu pela visão da figura estranha. Como relata Dantas (2014, p. 10), citando as palavras de Luiz Martins, ela era vista “como uma excitante curiosidade”. Após ser exibida pelas mídias e editoras de jornais que lucraram com a venda de sua imagem, tal como fizeram com Baartman (Ribeiro, 2018), Carolina é esquecida. Também na apresentação do livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), Dantas abertamente declara que Carolina, após a publicação dessa obra, deveria voltar para o “quarto de despejo”, de onde ela emergiu:

Finalmente, uma palavrinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do quarto de despejo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco — não por sua culpa — no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito

forte, mais forte do que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui (Dantas, in Jesus, 1961, p. 9-10).³

No excerto acima, ao introduzir o livro *Casa de Alvenaria* (1961), Dantas se apropria da narrativa de Carolina de maneira questionável e acaba reforçando o lugar comum da mulher negra: a margem, o quarto de despejo, lugar de esquecimento. Segundo ele mesmo afirma, Carolina foi apenas alguém que contribuiu muito com “a verdade”, que seria a verdade das dores e agruras da existência do favelado, algo que para a imprensa da época era fonte de lucro. No entanto, agora ela deveria guardar seus contos, romances e escritos. Miranda (2019), ainda atribui à fala de Dantas o título de “discurso do emudecimento” (Miranda, 2019, p. 164), reforçando a limitação que ele, agora, tenta impor à autora. A fala de Dantas apenas reforça a ideia de que o corpo negro feminino é visto como subalterno. Carolina seria, assim, apenas uma mulher negra que, nas palavras do editor, foi parar no “meio da gente de alvenaria.”.

Finalmente, mencionemos a última faceta da dimensão tríplice que envolve a vida de Carolina como mulher negra, a saber, a dimensão histórica, proposta por Kilomba (2019). Segundo ela, a mulher negra é história. Carolina é história, isto é, ela carrega consigo não apenas a sua história pessoal, mas a de seu grupo racial. A trajetória de Carolina representa a luta histórica das mulheres. A narrativa de sua vida, bem como as estratégias de resistência por ela utilizadas podem inspirar outras mulheres negras a se autoafirmarem como sujeitos e quanto à sua identidade étnico-racial. Para ilustrar, Hooks (2019) destaca a importância de não se sentir isolada na sociedade, mas saber que existem outras mulheres negras lutando e fazendo história, ela afirma:

[...] (Eu preciso não me sentir isolada e saber que existem outras companheiras com experiências semelhantes. Eu aprendo com suas estratégias de resistência e com os relatos de seus erros). Ainda que o número de romances publicados por mulheres negras tenha aumentado, essas obras não podem substituir a teoria ou a narrativa autobiográfica. Mulheres negras radicais precisam contar nossas histórias; nunca é suficiente documentar nossas experiências (Hooks, 2019, p. 126).

Além de destacar o quanto é importante saber que existem outras mulheres que experimentam a mesma condição que ela mesma vivencia, Hooks (2019) destaca que as autobiografias de mulheres negras não podem ser substituídas por romances ou outros modelos de documento. É preciso que a mulher negra conte a sua história e suas experiências, narre a sua própria história, tal como fez Carolina

³O trecho foi mantido em itálico e com algumas palavras em negrito para preservar a formatação original apresentada na seção intitulada “*Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social*”, que faz parte da obra *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961). Além disso, foram mantidas palavras como “êste”, “nôvo” e “aquêles”, que não seguem a norma padrão atual da língua portuguesa, mas aparecem dessa forma no texto original. Essa escolha visa preservar a autenticidade da publicação e respeitar o estilo e a ortografia utilizados no período em que a obra foi escrita.

Maria de Jesus. Ao falar de si, se autoafirmar, Carolina estava fazendo história, sua voz é a voz de uma multidão de mulheres negras que gritaram na história. Ela própria é história: sua voz, como a voz de uma mulher negra, recolhe em si “as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas./ recolhe em si/ a fala e o ato./ O ontem – o hoje – o agora” (Evaristo, 2017, p. 25). Trata-se, assim, de uma voz atemporal que reúne outras vozes historicamente silenciadas.

Discutidas as três dimensões da existência de Carolina Maria de Jesus (corpo, raça e história), a partir da proposta de Kilomba (2019) na análise das falas de Kathleen, entende-se que sua experiência vai além da individualidade, inserindo-a em um contexto coletivo de resistência. Dessa forma, Carolina representa outras mulheres negras de forma significativa, evidenciando o enfrentamento das múltiplas formas de exclusão que marcam essa tríplice condição. Ademais, Kilomba (2019, p. 173) destaca que, “Ser incluída/o sempre significa representar as/os excluídas/os.” Logo, ao ser inserida na literatura brasileira, Carolina representa os corpos de seu grupo racial, passando a representar um ponto na história em que suas vozes começam a ecoar mais alto, se tornando pouco a pouco, audíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou tecer reflexões sobre como Carolina Maria de Jesus se autorrepresenta, ao mesmo tempo em que essa autorrepresentação contrasta com o imaginário social, frequentemente carregado de estereótipos racistas e sexistas sobre a mulher negra. Para isso, o trabalho visou analisar fenômenos sociais como o racismo, o machismo e a marginalização da mulher negra.

Com base na discussão que se fez sobre esses conceitos, concluiu-se que a mulher negra é marginalizada duplamente, por ser mulher e por ser negra. Carolina, em meio a essa realidade, não se mostrou submissa, mas afirmou palavras subversivas, deixando claro que a hierarquia entre branco e negro é irracional, pois a própria natureza não considera hierarquia alguma.

Além disso, como discutido, a autorrepresentação de Carolina como mulher negra acontece em, pelo menos, três dimensões diferentes. Ela é corpo, raça e história. Assim, ao se autorrepresentar, ela está representando outras mulheres negras igualmente excluídas. Espera-se que esta pesquisa contribua para que a voz de Carolina alcance novos horizontes e se faça ouvir na universidade, na escola, em qualquer ambiente em que se possa construir conhecimento, porque o conhecimento transforma.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- ANDRADE, L. P. de. O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.
- BARBOSA, N. 'Vênus negra' aborda colonialismo e racismo na Europa. G1, [S. L.], 16 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/06/estreia-venus-negra-aborda-colonialismo-e-racismo-na-europa.html>. Acesso em 19 mar. 2025.
- BUJATO, I. A.; SOUZA, E. M. de. O contexto universitário enquanto mundo do trabalho segundo docentes negros: diferentes expressões de racismo e como elas acontecem. Porto Alegre: Revista Eletrônica de Administração – READ. Vol. 26. N. 1. Jan, abr. p. 210-237. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/MrpQgCWPyQrvqXFpdWhrfSv/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- DANTAS, A. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 6-8.
- DANTAS, A. Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social. In: JESUS, C. M. de. Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA, Livraria Francisco Alves, 1961. p. 5-10.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- HOOKS, B. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MIRANDA, F. R. Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- NATÁLIA, L. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 206 – 224.
- PATÉTICA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pat%C3%A9tica>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- RIBEIRO, D. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- SANTOS, M. Ser negro no Brasil Hoje. in: O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SUJEIRA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2025.
Disponível em: https://dicionario.priberam.org/sujeira#google_vignette. Acesso em: 29 abr. 2025.

VÊNUS Negra. Vénus noire. Direção de Abdellatif Kechiche. Produção de Charles Gillibert, Marin Karmitz, Nathanaël Karmitz. França: [Imovision], 2010. (159 min).